



O Mundo Dicotômico de Platão como fundamento metafísico da sua teoria das Formas de Governo

Plato's Dichotomous World as the metaphysical foundation of his theory of the Forms of Government

Recebido: 14/11/2022 | Aceito: 08/01/2023 | Publicado: 13/02/2023

Gustavo Javier Castro Silva¹


 <https://orcid.org/0000-0002-7639-0514>


 <http://lattes.cnpq.br/1091127369557989>

Centro Universitário Processus, UniProcessus, DF, Brasil

E-mail: gustavo@institutoprocessus.com.br

Alejandro Gabriel Olivieri²


 <https://orcid.org/0000-0002-7398-7905>


 <http://lattes.cnpq.br/1921746316087755>

Centro Universitário Processus, UniProcessus, DF, Brasil

E-mail: aleoli61@gmail.com

Lourivânia de Lacerda Castro³

 <https://orcid.org/0000-0002-1331-563X>

 <http://lattes.cnpq.br/2753561242350807>

Centro Universitário UniProcessus, DF, Brasil

E-mail: lourivania.lacerda@institutoprocessus.com.br

Resumo:

O artigo tem como objetivo analisar em que medida o pensamento metafísico de Platão influencia na elaboração da sua teoria política e, em especial, a sua teoria das formas de governo. Para tal motivo, se analisarão os diferentes momentos e os elementos filosóficos relevantes da denominada “Alegoria da Caverna”, como exemplo paradigmático da justificação da dicotomia metafísica na filosofia platônica.

Palavras-chave: Alegoria da caverna. Metafísica de Platão. Metafísica dicotômica

Abstract:

The article aims to analyze the extent to which Plato's metaphysical thought influences the elaboration of his political theory and, in particular, his theory of forms of government. For this reason, the different moments and relevant philosophical elements of the so-called “Allegory of the Cave” will be analyzed, as a paradigmatic example of the justification of the metaphysical dichotomy in Platonic philosophy.

¹ Doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília (2008), possui graduação em Filosofia – Pontifícia Universidad Católica de Valparaíso (1987), mestrado em Ciência Política pela Pontifícia Universidad Católica de Chile (1991), mestrado em Relações Internacionais pela Universidade de Brasília (1993). Professor de Ciência Política e Teoria Geral do Estado.

²Graduado em Filosofia pela Universidad Nacional de Buenos Aires (UBA), Mestre em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB). Foi professor da Universidade Católica de Brasília (UCB), do UniCEUB e do UNIProcessus em Brasília

³ Mestre em Direito- LL.M.EUR European Legal Practice/ Joint Degree pela Universidade Católica Portuguesa de Lisboa (2009), especialista em Direito Público pelas Faculdades Integradas do Planalto Central (2011) e Direito Previdenciário pelo Instituto Nacional de Ensino Superior e Pesquisa (2016). Advogada e professora das disciplinas Direito Administrativo e Introdução ao Estudo do Direito.

Keywords: *Allegory of the cave. Plato's metaphysics. Dichotomous metaphysics*

1. Introdução

Este artigo tem como objetivo analisar em que medida o pensamento metafísico de Platão influencia na elaboração da sua teoria política. Não devemos esquecer que o projecto político platónico foi traçado a partir da convicção de que a Cidade-Estado ideal deveria ser obrigatoriamente governada por alguém dotado de uma rigorosa formação filosófica. Assim, antes de entrar diretamente na filosofia política platônica será necessário introduzir, ainda que de forma extremamente sintética, o pensamento metafísico do filósofo ateniense. Mas, antes disto, vamos lembrar alguns dados biográficos do nosso filósofo.

Platão nasce em Atenas, um ano após a morte do estadista Péricles, no 428 ou 427 a.C, e morre, também em Atenas, no 348 ou 347 a.C. Assim, não existe uma precisão em relação as datas do seu nascimento e da sua morte. Pelas datas das Olimpíadas nós temos uma referência sobre estas datas, mas sempre existiu na biografia platônica esta discordância. Entre alguns especialistas que afirmam que Platão teria nascido no 428 a.C. e outros no 427 a.C., o que também influencia na data da sua morte. importa destacar que o filósofo ateniense é um homem que vive basicamente na primeira metade do século IV, após o grande apogeu de Atenas do século V. Platão vive a decadência de Atenas.

Platão pertence a uma família importante da oligarquia ateniense, com vínculos familiares inclusive com o governo dos trinta tiranos. Diferentemente de Sócrates, seu mestre, que vinha de uma família sem grandes recursos e sua mãe era parteira, Platão era membro da oligarquia da cidade. Platão será discípulo de Sócrates e esta relação de mestre e discípulo durará aproximadamente vinte anos, até a morte de Sócrates, morte que marcará profundamente Platão.

Sem exagero podemos afirmar que dificilmente encontraremos alguém que não tenha algum conhecimento sobre Platão, cujo nome verdadeiro era Aristocles, dado que Platão é um apelido que significa largo de costas, de ombros largos. Se nós perguntarmos para as pessoas lembrar o nome dos cinco maiores filósofos da civilização ocidental, com certeza um desses nomes na cabeça dos consultados seria o de Platão.

As pessoas sabem que Platão é um dos pensadores mais fundamentais da história do pensamento ocidental, mas se perguntarmos, mais especificamente, qual é sua contribuição ao pensamento ocidental seguramente não teremos uma resposta rápida. Quais as contribuições filosóficas de Platão? Esperamos que no final deste artigo possamos deixar isto claro para os nossos leitores.

Iremos agora analisar o texto conhecido como “Alegoria da Caverna”, que forma parte do livro VII da *A República*. Analisaremos este texto porque, apesar de este artigo estar focado na filosofia política platônica, acreditamos que a teoria política de Platão somente pode ser compreendida a partir da sua metafísica.

Lembremos que Platão sempre escreveu na forma literária de diálogos. Na verdade, não existem obras de Platão em prosa. Tem chegado até nós 35 diálogos que podem ser classificados em quatro períodos. Em primeiro lugar, os **diálogos de juventude ou socráticos** (até 390 a.C.). Entre as obras deste período podemos destacar a **Apologia de Sócrates**, texto que narra os últimos momentos de Sócrates, escrito logo após sua morte. Lembremos que Sócrates foi acusado de corromper a juventude de Atenas e de heregia (introduzir novos Deuses). Este diálogo narra-se como Sócrates foi julgado e condenado à morte.

Outro diálogo deste primeiro período é **Láques, ou Da coragem**. Em este diálogo Platão contrapõe a noção do heroísmo tradicional, fundada na obra homérica, donde se destacam as figuras de Aquiles e Ulisses, a uma concepção de heroísmo em que o equilíbrio moral e o senso de justiça são fundamentais. A questão ética passa a ser a essência do heroísmo. Já no diálogo **Cármides, ou Da sabedoria** Platão apresenta uma visão ética que enuncia sabedoria como o elemento orientador da vida cotidiana.

Em um segundo período, os **Diálogos ditos “de transição”**, destacamos algumas obras como **Hípias menor**, texto no qual Platão discute as questões da mentira, da verdade e do caráter e o **Hípias maior**, no qual são tratadas as concepções estéticas sobre o belo e a importância das artes, embora em A República, as ideias expressas neste texto são retiradas de seu modelo ideal de cidade. No diálogo **Górgias** Platão disserta sobre a retórica, tomando como interlocutores principais Sócrates e o sofista Górgias. Já em **Protágoras**, o principal sofista do período helênico, Sócrates denuncia as farsas sofísticas para enganar as pessoas. Sabemos que o Livro I da República foi escrito neste período, e nele, Platão já começa a falar sobre o seu modelo ideal de política e do governo da polis.

Os **Diálogos de maturidade** (387 a.C. a 368 a.C.) nos trazem obras como **Fédon**, diálogo em que Platão expõe a sua concepção de alma e de assuntos em relação à constituição metafísica do homem. Encontramos no mesmo período **O Banquete**, livro que trata sobre o bem e o amor ideal. **A República**, livros II a X, continuam as considerações sobre a política.

Por último, os **Diálogos considerados de velhice**. Ressaltam neste período o diálogo **Parmênides**, que versa sobre epistemologia e o conhecimento das Formas e Essências. Também **Teeteto**, no qual Platão discorre sobre as ciências e o conhecimento científico. Ainda **O Sofista**, onde Platão expõe de vez a sua condenação à arte sofística. Destacamos ainda o **Timeu**, em que Platão fala sobre a natureza e a sua constituição.

2. Descrição da Alegoria da Caverna

A Alegoria da Caverna é, sem sombra de dúvidas, o texto mais estudado, analisado, discutido, de toda a extensa obra de Platão. É um texto que aparece no início do livro VII da República (PLATÃO, 206, 289-292) A República pode ser descrita como a primeira grande utopia da nossa cultura. Nesta obra, Platão descreve como deveria funcionar uma sociedade perfeita. “Utopia” é uma palavra grega que significa um não lugar (τοπός em grego significa lugar), quer dizer, uma sociedade que de fato ainda não existe, uma sociedade que poderá vir a existir. A República é a primeira grande utopia entre muitas outras que nós encontramos tanto na filosofia quanto na literatura na nossa cultura ocidental.

Iremos colocar nossa atenção na Alegoria da Caverna porque neste texto Platão irá sintetizar de uma forma magistral o que ele pensa sobre a realidade, onde ele expõe de forma pungente, mas também misteriosa, sua metafísica. Lembremos que a metafísica é a rama da filosofia que tem como objeto as coisas, a realidade. Lembremos que a palavra grega metafísica significa aquilo que está além da física (φύσις: natureza e μετα: além de).⁴

⁴Lembremos que este conceito foi acunhado por Andrônico de Rodes (s. I a. C.) quando da classificação dos livros de Aristóteles: aqueles escritos voltados para os primeiros princípios e as primeiras causas das coisas foram classificados além (μετα) dos textos de física, portanto, metafísica.

Como já mencionamos anteriormente, um entendimento, ainda que preliminar, da metafísica platônica é fundamental para entender a sua filosofia política. Por exemplo, em relação ao esquema da classificação das formas de governo, a concepção da realidade de Platão nos permite entender o porquê Platão classifica as formas em reais e ideais. Então, não é possível entender a filosofia política platônica se não tiver alguma noção sobre a metafísica platônica. Esta é a razão pela qual nós vamos começar pela análise da Alegoria da caverna.

Cabe mencionar que estamos denominando este texto de Platão de **alegoria** e não de **mito**. Isto porque, de forma resumida, um mito é uma explicação sobre a realidade, sobre algum fenômeno da realidade, que tem como fundamento a divindade. Ela, a divindade, atua como fonte explicativa dos fenômenos. Em um exemplo simples, o fenômeno natural do trovão se explica como a fúria de um deus. Uma **alegoria** também é um texto explicativo da realidade, mas sem intervenção dos deuses.

Este texto de Platão terminou sendo conhecido como um mito devido, fundamentalmente, a interpretações posteriores dele. Um dos mais conhecidos intérpretes da filosofia platônica (neoplatonismo) foi o filósofo grego Plotino (205 d.C.-275 d.C.), quem parece oferecer uma alternativa para a ideia da ortodoxia cristã, a ideia de uma criação *ex nihilo* (do nada), apesar de Plotino nunca mencionar o cristianismo em qualquer de suas obras.

Vamos utilizar uma representação gráfica para melhor explicar a situação relatada por Platão e identificar alguns dos elementos que podemos perceber na alegoria.



É uma imagem relativamente simples. Vemos uma caverna que é subterrânea, que vá descendo nas profundezas da terra. Nesta caverna encontramos, a certa altura, um fogo aceso. No fundo da caverna vemos alguns homens amarrados dos pés, das mãos e do pescoço, de tal forma que o único que eles podem fazer é olhar para a parede do fundo da caverna. Estes homens estão na caverna desde

criancinhas nos diz Platão. Entre os prisioneiros e o fogo há um muro que corta a caverna em sentido transversal. ⁵

Atrás desse muro vão passando homens que levam estatuas em cima de suas cabeças. No texto Platão diz que se trata de figuras feitas de pedra, de barro, de madeira e representando todas essas coisas, todos os objetos. Alguns desses homens vão falando enquanto caminham e, como tem eco na caverna, parece que as vocês vêm do fundo da caverna. Vamos agora descer ao texto da Alegoria da Caverna.

SÓCRATES: Agora, imagina a nossa natureza, segundo o grau de educação que ela recebeu ou não, de acordo com o quadro que vou fazer. Imagina, pois, homens que vivem em uma espécie de morada subterrânea em forma de caverna. A entrada se abre para a luz, em toda a largura da fachada. Os homens estão no interior desde a infância, acorrentados pelas pernas e pelo pescoço, de modo que não podem mudar de lugar nem voltar a cabeça para ver algo que não esteja diante deles. A luz lhes vem de um fogo que queima por trás deles, ao longe, no alto. Entre os prisioneiros e o fogo, há um caminho. Imagina que esse caminho é cortado por um pequeno muro, semelhante ao tapume que os exibidores de marionetes dispõem entre eles e o público, acima do qual manobram as marionetes e apresentam o espetáculo.

GLAUCO: Entendo.

SÓCRATES: Então, ao longo desse pequeno muro, imagina homens que carregam todo tipo de objetos fabricados, ultrapassando a altura do muro, estátuas de homens, figuras de animais, de pedra, madeira ou qualquer outro material. Provavelmente, entre os carregadores que desfilam ao longo do muro, alguns falam, outros se calam.

GLAUCO: Estranha descrição e estranhos prisioneiros!

SÓCRATES: Eles são semelhantes a nós. Primeiro, pensas que, na situação deles, eles tenham visto algo mais do que as sombras de si mesmos e dos vizinhos, que o fogo projeta na parede da caverna à sua frente?

GLAUCO: Como isso seria possível, se durante toda a vida eles estão condenados a ficar com a cabeça imóvel?

SÓCRATES: Não acontece o mesmo com os objetos que desfilam?

GLAUCO: É claro.

SÓCRATES: Então, se eles pudessem conversar, não achas que, nomeando as sombras que vêm, pensariam nomear seres reais?

GLAUCO: Evidentemente.

Assim, o único que os prisioneiros viram durante toda a sua vida são as sombras das estatuas que são refletidas pela luz da fogueira na parede do fundo da caverna. Então esses homens, que são os prisioneiros, entendem que essas sombras são a verdadeira realidade. Estranhamente, Platão nos diz que esses prisioneiros somos nós, os seres humanos. O relato da alegoria continua com o fato de um desses homens ser liberto e conseguir sair da caverna.

⁵ Importante lembrar que se trata de um texto metafórico, portanto, não devemos perguntar como esses homens fazem para sobreviver: comer e beber água ou quem construiu o muro, de onde vem e para onde vai esse muro. É um texto essencialmente simbólico. Cada um destes elementos que aparece na alegoria quer simbolizar alguma coisa.

SÓCRATES: Vê agora o que aconteceria se eles fossem libertados de suas correntes e curados de sua desrazão. Tudo não aconteceria naturalmente como vou dizer. Se um desses homens fosse solto, forçado subitamente a levantar-se, a virar cabeça, a andar, a olhar para o lado da luz, todos esses movimentos o fariam sofrer; ele ficaria ofuscado e não poderia distinguir os objetos, dos quais via apenas as sombras, anteriormente. Na tua opinião, o que ele poderia responder se lhe dissessem que, antes, ele só via coisas sem consistência, que agora ele está mais perto da realidade, voltado para objetos mais reais, e que ele está vendo melhor? O que ele responderia se lhe designassem cada um dos objetos que desfilam, obrigando-o, com perguntas, a dizer o que são? Não pensas que ele ficaria embaraçado e que as sombras que ele via antes lhe pareceriam mais verdadeiras do que os objetos que lhe mostram agora?

GLAUCO: Certamente, elas lhe pareceriam mais verdadeiras.

Na nossa concepção podemos distinguir claramente três partes da alegoria. Em primeiro lugar, a descrição da cena, em segundo, o que acontece quando um dos prisioneiros, ao ser liberto, sai da caverna e, na terceira parte, o que ocorre quando esse prisioneiro volta para a caverna.

Na primeira parte do texto da Alegoria Sócrates, na descrição da cena, não existe movimento, não há ação. Agora, nesta segunda parte da Alegoria, alguma coisa acontece. Iremos destacar três coisas que nos parecem importantes. Primeiro, no fundo da caverna encontramos vários prisioneiros, mas somente *um* prisioneiro é liberto. Só um. Não são todos. Não são dois. Não são três, é um. Por que somente um entre vários? Em segundo lugar, alguém liberta o prisioneiro. Então, quem o liberta e por quê? O terceiro ponto merece um pouco mais de atenção. Aquele que liberta o prisioneiro o faz virar para a luz e aí acontece uma coisa extremamente misteriosa. Quem liberta o prisioneiro começa a explicar que o que ele chama de realidade não são outra coisa a não ser as sombras das estátuas refletidas pela luz da fogueira na parede do fundo da caverna. Então, qual é a reação do prisioneiro? A pior possível. Por quê? Porque ele está de fato confuso. Está cego, ofuscado pela luz. Além disso, ele está com muita dor, com câimbras. Em verdade, o prisioneiro liberto está agora numa situação muito pior daquela da qual ele estava junto com os outros prisioneiros, e ele ainda considera que as sombras são a verdadeira realidade.

Qual é a contradição que nós encontramos nesta passagem? De fato, o prisioneiro quando liberto está mais perto da realidade. E aquilo que ele chamava de realidade ou de verdadeiras coisas nada mais é do que sombras de estátuas. Sendo que as estátuas em si mesma não são a verdadeira realidade, porque a estátua não é nada mais do que uma representação também de uma coisa que se é real e que está fora da caverna. São três níveis de realidade.

De fato, o prisioneiro liberto está mais próximo da verdade. Mas ele está confuso, ele está sofrendo, ele está angustiando, ele não consegue ver. E a tendência é ele querer voltar a sua situação anterior, dado que desde seu ponto de vista, ele estava muito melhor antes: pelo menos ele tinha visão, tinha certeza das coisas, não estava angustiado, não estava confuso. Parece ser que Platão quer dizer que a proximidade da verdade traz para nós, seres humanos, dor, confusão e angústia.

Continuemos com o texto da Alegoria.

SÓCRATES: E se o forçassem a olhar para a própria luz, não pensas que os olhos lhe doeriam, que ele viraria as costas e voltaria para as coisas que pode olhar e que as consideraria verdadeiramente mais nítidas do que as coisas que lhe mostram?

GLAUCO: Sem dúvida alguma.

SÓCRATES: E se o tirassem de lá à força, se o fizessem subir o íngreme caminho montanhoso, se não o largassem até arrastá-lo para a luz do Sol, ele não sofreria e se irritaria ao ser assim empurrado para fora? E, chegando à luz, com os olhos ofuscados pelo seu brilho, não seria capaz de ver nenhum desses objetos, que nós afirmamos agora serem verdadeiros.

GLAUCO: Ele não poderá vê-los, pelo menos nos primeiros momentos.

Então que que acontece? Aquele que libertou o prisioneiro o faz subir este caminho e sair da caverna. Trata-se de um caminho extremamente difícil, íngreme e montanhoso. O prisioneiro cai, o empurram para que ele continue. Ele está desgostoso, está sofrendo, está cansado e por fim chega na saída da caverna. Ele tinha ficado cego quando enfrentou a luz da fogueira por uma primeira vez, agora quando sai da caverna fica cego novamente. E novamente cego ante a luz do sol. Aos poucos ele vai se habituando e vai começando a perceber as coisas. É preciso de algum tempo para olhar as coisas. Primeiro observa as coisas refletida na água, depois de noite, até que por último consegue olhar a luz do sol. E neste momento nosso prisioneiro liberto entende que o sol é a causa da vida, da agricultura, enfim, de tudo.

Neste momento da alegoria ele se lembra de sua primeira morada e da vida e do conhecimento que tinha junto com seus antigos companheiros. Sócrates se pergunta se o liberto está feliz com a mudança e, ao mesmo tempo, sentindo pena de aqueles que ficaram acorrentados no fundo da caverna.

Começa então a terceira e última parte da alegoria. O prisioneiro decide voltar para contar a seus ex companheiros de prisão o que que ele viu fora da caverna. Mas, fica muito claro no texto que o ex prisioneiro jamais poderia voltar a viver no fundo da caverna. Nada que possa ser oferecido a ele poderia convencê-lo de voltar.

SÓCRATES: Nesse momento, se ele se lembrar de sua primeira morada, da ciência que ali se possuía e de seus antigos companheiros, não achas que ele ficaria feliz com a mudança e teria pena deles?

GLAUCO: Claro que sim.

SÓCRATES: Quanto às honras e aos louvores que eles se atribuíam mutuamente outrora, quanto às recompensas concedidas àquele que fosse dotado de uma visão mais aguda para discernir a passagem das sombras na parede e de uma memória mais fiel para se lembrar com exatidão daquelas que precedem certas outras ou que lhes sucedem, as que vêm juntas, e que, por isso mesmo, era o mais hábil para conjecturar a que viria depois, achas que nosso homem teria inveja dele, que as honras e a confiança assim adquiridas entre os companheiros lhe dariam inveja? Ele não pensaria, antes, como o herói de Homem, que mais vale "viver como escravo de um lavrador" e suportar qualquer provação do que voltar à visão ilusória da caverna e viver como se vive lá?

GLAUCO: Concordo contigo. Ele aceitaria qualquer provação para não viver como se vive lá.

Observemos então que a saída da caverna é um caminho sem volta. Oferta de riquezas, poder, honrarias, fama ou o que seja, não significam absolutamente nada para o prisioneiro liberto em comparação ao esplendor, às maravilhas que ele está

vendo nesse mundo fora da caverna, um mundo belíssimo cheio de cores e de luz. Neste momento Platão lembra de uma frase de Homero na qual fica explícito aquilo que, desde o ponto de vista do filósofo, é o pior para os gregos: a pouca dignidade do trabalho físico, a perda da liberdade e a pobreza. Mas, justamente, o ex prisioneiro preferiria passar pelo pior do pior ao invés de voltar a sua situação anterior.

E termina a Alegoria da Caverna com um final trágico:

SÓCRATES: Reflete ainda nisto: supõe que esse homem volte à caverna e retome o seu antigo lugar. Desta vez, não seria pelas

GLAUCO: Naturalmente.

SÓCRATES: E se ele tivesse que emitir de novo um juízo sobre as sombras e entrar em competição com os prisioneiros que continuaram acorrentados, enquanto sua vista ainda está confusa, quando seus olhos não se recompuseram, enquanto lhe deram um tempo curto demais para acostumar-se com a escuridão, ele não ficaria ridículo? Os prisioneiros não diriam que, depois de ter ido até o alto, voltou com a vista perdida, que não vale mesmo a pena subir até lá? E se alguém tentasse retirar os seus laços, fazê-los subir, acredita que, se pudessem agarrá-lo e executá-lo, não o matariam?

GLAUCO: Sem dúvida alguma, eles o matariam.

Então, o homem liberto volta para o fundo na caverna com o objetivo de resgatar seus companheiros, contar a verdade, levar a verdade para eles. Mas acontece uma coisa inesperada porque por uma terceira vez ele ficará cego. Agora fica cego não pela luz da fogueira, não pela luz do sol, mas fica cego pela escuridão. Então quando os seus ex companheiros de prisão começam a lhe perguntar sobre as sombras não consegue responder mais nada e, ainda, se ele tentar tirá-los a força, se pudessem, irão matá-lo porque o considerarão um louco perigoso.

3. Interpretação analítica da Alegoria da Caverna

Corresponde agora tentar fazer um esforço interpretativo para compreender o que realmente Platão está querendo dizer com esta alegoria. Antes de mais nada, tentaremos identificar quais são os elementos simbólicos no texto e, posteriormente, refletir sobre o significado de cada um desses símbolos. Lembremos que o texto da Alegoria da Caverna quer expressar o nosso mundo.

Vamos começar desde a parede do fundo da caverna, lembrando que se trata de uma caverna subterrânea, portanto iremos percorrendo o caminho de saída da caverna. Em primeiro lugar, identificamos as sombras, que são sombras das estátuas. Em segundo lugar, os prisioneiros. Em terceiro lugar encontramos um conjunto simbólico composto de um muro que corta a caverna, lembrando que esse muro se parece muito ao tapume que usam aqueles que realizam a arte das marionetas para ficarem escondidos atrás dele, enquanto as marionetas ficam por cima das suas cabeças. Então nós temos o muro, o caminho que vai acompanhando esse muro, homes que vão desfilando por esse muro e ainda as estatuas que eles levam nas suas cabeças. Pensamos que o elemento central desse conjunto são as estátuas, por isso estamos colocando aqui as estátuas como o terceiro elemento simbólico. Lembremos que são estátuas feitas de diferentes materiais e estatuas que representam todas essas coisas. Em quarto lugar, atrás das estátuas, encontramos a fogueira. Neste momento do relato percebemos alguma ação e não somente descrição de uma cena. Aparece a figura de um prisioneiro que é liberto, em quinto lugar, sempre lembrando que se trata de somente um prisioneiro, mas também alguém que liberta o prisioneiro como sexto elemento simbólico. O sétimo elemento simbólico, descrito detalhadamente, é o caminho de saída da caverna, um caminho de subida, um caminho íngreme, cheio de obstáculos.

Até aqui todos esses elementos simbólicos estão dentro da caverna. Os dois últimos que iremos mencionar estão fora da caverna. Em oitavo lugar, encontramos as coisas fora da caverna e, em nono, dentre essas coisas uma se destaca das outras: o sol. Vamos destacar esses nove elementos simbólicos.

É importante lembrar que Glauco, depois que Sócrates descreve a cena da caverna, diz que essa descrição é sumamente estranha, ao qual Sócrates responde imediatamente que esses prisioneiros são semelhantes a nós. Nós somos os prisioneiros. Aqui nos encontramos com a afirmação que Sócrates coloca para poder iniciar a interpretação da simbologia. Então os prisioneiros representam, no nosso mundo, a nós seres humanos. Este é o ponto de partida a partir do qual, fazemos a nossa interpretação sobre a alegoria.

Retomemos então nosso trabalho. O que simbolizam as sombras? O que são as sombras para os prisioneiros? As sombras para os prisioneiros são as coisas reais. São as coisas verdadeiras, as verdadeiramente reais. Então, o que é uma coisa real para nós seres humanos? O que é real para nós? Antes de mais nada chamamos de coisas propriamente reais àquelas que acessamos através dos nossos sentidos, nossos cinco sentidos. Quando uma coisa é passível de ser captada pelos cinco sentidos, nós chamamos isso de uma coisa real. Mas, qual é a qualidade que uma coisa deve ter para elas poder ser captada pelos sentidos? Resposta: a matéria. Assim, primeiramente, chamamos de coisas reais as coisas que possuem matéria. As sombras representam, no nosso mundo, as coisas materiais, que são justamente aquelas que nós consideramos como sendo propriamente reais.

Mas, se isto é assim, estamos ante uma afirmação misteriosa. Para Platão as sombras, desde o ponto de vista dos prisioneiros, somente *parecem* reais. Elas são meras representações, reflexo das estátuas. Se as estátuas não existissem, as sombras também não existiriam. Mas, pela sua vez, essas estátuas são *representações* das coisas que habitam o mundo fora da caverna. Então, Platão está dizendo que as coisas materiais, que nós chamamos de propriamente reais, não são o propriamente real. Que as coisas materiais parecem serem reais, mas não são tão reais assim. Que estamos enganados, ao estarmos *aprisionados* nesta convicção de que a matéria é a verdadeira realidade, da mesma forma como os prisioneiros estão enganados ao acreditar que as sombras são as coisas reais.

O terceiro elemento simbólico que encontramos são as estátuas. A simbologia parece ser bem clara. O que que nós levamos nas nossas cabeças? Num primeiro momento respondemos que temos pensamentos, mas para ter pensamentos precisamos dos conceitos: pensamos através dos conceitos. É através dos conceitos que nomeamos as coisas, e nós temos acesso às coisas na medida em que elas têm um nome, um conceito.

Nós seres humanos somos seres conceituais. O fato de conceituarmos as coisas da realidade não é uma questão aleatória ou secundária a nós. Sempre nos dirigimos ao mundo, a realidade, através de conceitos. Por isso afirmamos que somos seres conceituais. Só que se compararmos os conceitos em relação às coisas materiais observarmos um grão maior de perfeição. Por exemplo, se compararmos um cavalo físico, material, com a o conceito de cavalo veremos que o primeiro quebra a pata, adocece, come capim ruim e morrem de cólica, fica velho, caem os dentes, etc. Mas a ideia de cavalo permanece sempre a mesma e perfeita. Mas não somente isto, esta ideia de cavalo é compartilhada exatamente por todos nós. Por isso podemos nos referir a esse objeto da realidade e entender-nos perfeitamente, o que você diz pra mim e eu digo pra você, porque nós temos a *mesma* ideia na nossa mente.

O quarto elemento simbólico: a luz da fogueira. Vocês já escutaram alguma vez a expressão “a luz do conhecimento”? De onde retiramos os conceitos que temos na nossa mente? Da fonte do conhecimento humano. A fogueira faz com que as estátuas projetem suas sombras na parede do fundo da caverna, e são estas sombras que os prisioneiros consideram ser o propriamente real. Então, o conhecimento humano é a fonte a partir da qual nós extraímos nossos conceitos que nos permitem perceber e significar o mundo material. Mas, o conhecimento humano, apesar de ele ser uma luz, comparado à luz do sol, é uma luz absolutamente insignificante! Uma luz precária, errática, que nos leva ao erro. Esta é a visão de Platão sobre o conhecimento humano.

O quinto e o sexto elemento simbólico são o liberto e aquele que o liberta. De forma muito clara Platão se está referindo a si próprio como filósofo. Quem foi o mestre de Platão, aquele que o conduziu para a luz do conhecimento? Foi Sócrates. Platão era o discípulo predileto de Sócrates. Assim, o prisioneiro que é liberto simboliza a figura do discípulo, daquele que se inicia nessa caminhada pelo conhecimento. E o mestre é aquele que retira os grilhões, aquele que o empurra, aquele que levanta quando o discípulo cai.

O mestre não é aquele que ensina alguma coisa para o discípulo. Em momento algum isso acontece no relato da alegoria. Mais precisamente, quando o mestre quer explicar ao seu discípulo a situação uma vez que ele foi liberto, qual a reação dele? Observamos aqui uma contradição. De fato, o prisioneiro liberto, embora mais próximo da verdade, está mais confuso, mais angustiado, inclusive ele chega a ficar cego. Então quando o mestre tenta explicar, qual a reação imediata do discípulo? Ele tenta voltar a situação na qual estava anteriormente, porque lá, no fundo da caverna, olhando as sombras, tinha certeza, tinha segurança, estava muito seguro do que ele dizia, do que sabia, do seu saber. Lá ele não sofria, não está angustiado: estava no aconchego da ignorância. Se não existisse esse *esforço absolutamente solitário e individual de introspecção para gerar o entendimento*, de fato não aconteceria a compreensão. O conhecimento fundamental é o *autoconhecimento*: o conhece-te a ti mesmo.

Fica claro então qual o sétimo elemento simbólico da alegoria, o caminho de saída da caverna. Trata-se, em um sentido lato, do processo de educação e de aprendizado e, em um sentido estrito, da iniciação na filosofia, da educação e aprendizado filosóficos. A educação não acontece sem esforço, sem disciplina.

Agora a nossa análise fica mais complexa. Iremos passar para a interpretação dos elementos fora da caverna. O que são esses objetos fora do mundo da caverna? Quando consigamos responder esta questão estaremos respondendo à pergunta de por que Platão é Platão. No entendimento do filósofo ateniense existem dois mundos. Um mundo é aquele que ocorre dentro da caverna. Um outro mundo, totalmente diferente, é aquele fora da caverna. Platão chamou aquele primeiro mundo (dentro da caverna) de mundo sensível, o mundo das coisas materiais, é o nosso mundo, o mundo físico material. Mas, além desse mundo, Platão afirma que existe outro mundo (fora da caverna), que ele nomeia como mundo inteligível, o famoso mundo das ideias. Porém, não se trata das nossas ideias, de aquilo que nós chamamos de conceito das coisas, mas sim de Ideias (formas) eternas, imutáveis, perfeitas, originais, como arquétipos, modelos de todas as coisas sensíveis. Nas nossas cabeças existem conceitos das coisas do mundo físico material, que são reflexos das Ideias do mundo inteligível.

Então, qual a importância de Platão? Como chamamos às coisas que não tem matéria? Espírito. Como pode ser percebido, a partir de Platão consideramos que a realidade é dicotômica: uma realidade material e a outra espiritual.⁶

Está faltando o último elemento simbólico. Na Alegoria da Caverna quando Platão se refere ao sol ele se refere à Ideia das Ideias, a ideia que representa o supremo bem. Dentre todas as ideias há uma ideia que é a mais perfeita de todas, a ideia que conjuga a ideia do bem e do belo. Para os gregos todo o bom é belo e todo o belo é bom. No século primeiro depois de Cristo Plotino faz uma reinterpretação da Alegoria à luz do cristianismo, e para ele o Sol, de forma óbvia, representava Deus, dado que é o supremo bem.

Afirmávamos no início do artigo que existe uma ligação intrínseca entre a metafísica platônica e a teoria política de Platão. O filósofo distingue dois tipos de formas de governo: as formas ideais, que são as formas perfeitas, e as formas reais, que são sempre imperfeitas. Esperamos que o leitor observe aqui o mundo inteligível, por um lado, e, por outro, o mundo sensível. Assim, esta dualidade da realidade é levada por Platão para a classificação das formas de governo.

4. Referências

PLATÃO. **A República**. Coleção Os Pensadores. São Paulo: editora Nova Cultural, 1999. Bobbio, Norberto. *A teoria das formas de governo*. São Paulo: ed. Edipro, 2017.

⁶ Antes de Platão os homens pensavam a realidade como uma única realidade. Por exemplo, na mitologia grega percebemos claramente que tanto deuses, homens e ainda os semideuses vivem em um único plano.